

Considerações finais

É notório que as tecnologias estão cada vez mais perto do corpo, com grande intimidade, intervindo sobre a pele e estando até sob ela. Tal intimidade não se atém somente aos aspectos de proximidade física, pois as tecnologias são também portadoras e agenciadoras de informações sobre a subjetividade humana, remetendo à alma, à “essência do ser”, àquele “interior” relativo aos aspectos “imateriais” do corpo. Essas informações tratam de dados sobre gosto, localização, temperatura, respiração, condutividade da pele, pressão volumétrica do sangue, indícios de sentimentos, entre outros. Eles ajudam a interpretar e formar memórias e escritos sobre o cotidiano de uma pessoa.

Tomando em consideração as teorias de Simondon (2007), busquei investigar a genealogia da computação vestível, encontrando seus antecedentes em objetos técnicos, desde os mais remotos, como a caneta e o caderno, passando pelo termômetro, o relógio, o rádio, o gravador, o telefone e chegando a outros mais atuais como os *smartphones*. Reconhecemos, assim, pontos de confluência e heranças entre esses objetos e tantos outros. Foram investigadas as relações das tecnologias com as sociedades à época moderna e contemporânea, para compreender quais foram as mudanças que as tecnologias e suas épocas provocaram no corpo, e como o corpo adaptou-se a elas.

Para compreender essa união “evolutiva” entre corpo e tecnologia, busco alicerce nas teorias de *autopoiesis* e acoplamento estrutural de Varela, Maturana e Uribe (1974), que apresentam a perspectiva de que o mundo muda e procuramos nos

adaptar a ele, modificando e sendo modificados, afetando e sendo afetados.

Dentre as relações entre o corpo e as tecnologias da época moderna, identifico o intuito de docilizar, domesticar e normalizar o corpo, utilizando tecnologias arquitetônicas panópticas por parte das instituições de poder, como prisões, escolas, hospitais, igrejas e outros. E que tais propósitos de modulação e de poder ainda permanecem, utilizando outras vias ditas mais “suaves”.

Contudo, o nosso comportamento diante das tecnologias também se modificou. Como nos recorda Sibilia (2008), é tão comum a exposição de intimidade em redes sociais, que a própria palavra “intimidade” perdeu seu sentido, dando espaço para um novo conceito: o de “extimidade” ou intimidade exposta, editada e escolhida.

Os estudos teóricos dos autores referidos aqui não tratam diretamente da computação vestível, embora eles tenham abordado, de algum modo, os conflitos entre corpo, tecnologias e roupas. As roupas, ao serem associadas às tecnologias miniaturizadas, flexíveis e móveis, sugerem um olhar mais cuidadoso sobre o modo como já estão sendo construídas as memórias do futuro sobre nossos corpos, e como tais memórias podem ser mais ou menos voláteis em função da intensidade do uso que fazemos delas. Vimos que a computação vestível permite que elementos de percepção maquinal do mundo tornem-se imediatamente acessíveis ao serem transformados em peças do vestuário, como aconteceu com os relógios que se integraram ao corpo quando tornaram-se

pulseiras. A maioria dos dados captados por sensores de computação vestível não podem ser apreendidos pelos nossos sentidos. Por isso, tais dispositivos funcionam como extensões/ampliações do mundo fenomênico a nossa volta. Os projetos analisados permitem perceber como essas novas interfaces, em maior sintonia com o corpo humano, criam uma nova arquitetura para memórias, por vias instáveis, macias, flexíveis e programáveis. Essas memórias possuem um modo de existência particular e já estão construídas, seja por vias poéticas ou não.

A meu ver as tecnologias vestíveis agenciam dados de intimidade e memória sobre o corpo e sua subjetividade como uma espécie de diário íntimo, visto que elas possuem a potência de produzir um novo tipo de autobiografia ou escrita de vida que detém uma identidade narrativa que é própria. Essa escrita acontece por vias materiais como cabos, circuitos eletrônicos, tecidos condutivos e não condutivos, mas também por vias “imateriais”, substratos numéricos orquestrados, principalmente, por algoritmos.

Assim, podemos identificar uma ampla gama de possibilidades de interpretação sobre os modos de se criar memórias e narrativas íntimas de computadores vestíveis. A base narrativa dessas memórias é formada por uma sequência numérica, capturada pelo sensor e armazenada em forma de documento. É a partir dessa sequência que podemos criar parâmetros e regras de intervalos para a leitura dos dados capturados. Estabelecemos normas para a leitura, mas são as leituras que prevemos e estipulamos que possibilitam a criação dos algoritmos. Definimos “comandos entre chaves”

com o que estabelecemos no início e no fim de uma linha de código, enquanto o que está entre eles seria o espaço em que o algoritmo transita para elaborar leituras e interpretações. Nesse trânsito, os algoritmos interagem entre si, calculando e ordenando os entremeios de sua narrativa. Assim, o que eles fazem nesse intervalo da narrativa ainda se apresenta para nós como algo hermético e misterioso.

Nesse contexto, cabe destacar que não busco respostas que sejam pragmáticas, pois podem nos fazer ter uma visão superficial sobre os algoritmos: a de que eles são somente objetivos, realistas, lógicos e incapazes de nos mostrar algo que ainda não compreendemos, pois são “ordenados” por nós.

Os dados de intimidade, agenciados por algoritmos em computadores vestíveis, tratam de um tipo de informação sobre ações realizadas no cotidiano, como caminhar e dormir, entre outras que são tidas como banais. Porém, a partir desses dados podem ser construídas narrativas complexas sobre o corpo, formando novos tipos de autobiografias, tendo visto que a narrativa contínua não é uma prerrogativa para a autobiografia/escritos de vida.

O maior risco das memórias criadas via computadores vestíveis é de que experiências pessoais terminem por se tornar nada mais do que dados relacionados aos cuidados com a saúde. Ou seja, experiências esvaziadas de sentido emocional, enquadradas em parâmetros impessoais pré-programados; algo muito diferente da criação de experiências pessoais e intensas que colocam as novas subjetividades em questão.

Por outro lado, o uso de computação vestível de maneira poética instiga os usuários de objetos vestíveis a considerarem mais seriamente todos os processos de armazenamento de conteúdos e a recepção dos dados sobre seu próprio corpo como produção de memórias digitais, guardadas em objetos pessoais que são as suas roupas. É preciso, então, trabalhar com tecnologia vestível não apenas como provedora de informações técnicas e impessoais nos modos de captura ou organização de dados sobre o corpo, mas conferir a esse tipo de dados “vestidos” valores estéticos, simbólicos e pessoais que possam ser mais expressivos como memória pessoal.

Vimos que alguns artistas, cientes do quão íntimos do nosso corpo os computadores vestíveis estão se tornando, criaram táticas de contra-vigilância. Esses trabalhos apresentam anseios para uma melhor regulamentação da privacidade digital e estimulam sobre o cuidado que deveríamos ter em relação à nossa intimidade que estamos compartilhando. Trata-se de obras que não necessariamente apresentam soluções para a problemática da relação público-privado, mas suscitam questões para o debate sobre a necessidade de novas regulamentações políticas e sociais sobre nossa privacidade, assim como as memórias produzidas e amplificadas pelos dispositivos vestíveis na imensa teia digital.

É de suma importância destacar que essas tecnologias que estão surgindo, algumas em confluência com outras mais “antigas”, possibilitam não somente uma ampliação perceptiva. Elas oferecem novos modos de representar, guardar, restaurar e manipular informações sobre o nosso corpo e suas subjetividades. E ampliam-se, assim, nossas capacidades

cognitivas por meio de pensamento abstrato, de memória e linguagem digital. Ou seja, ampliam-se os modos de comunicação e de compreensão sobre os aspectos perceptivos e afetivos do ser humano.

Muitas mudanças têm sido experimentadas nessa relação corpo-roupa-tecnologias. Alguns artistas procuraram expor seus questionamentos sobre a problemática que envolve esse “novo corpo” e as roupas, agenciados por dados/ algoritmos de computação vestível, que classifico como “de intimidade e memória sobre o corpo”, e que possibilitam uma “outra escrita e fala”. Outra, porque não podemos dizer que é “nova”, uma vez que elas advêm de misturas com outros meios e processos técnicos. Essa escrita sobre o corpo opera de um modo que parece “silencioso”.

Tal silêncio pode nos orientar sobre o modo de fala dos algoritmos. Se, como disse Guasch (2011), os algoritmos possuem uma linguagem que carece de semântica, podemos dizer que sua fala é silenciosa nesse sentido. Embora saibamos que o silêncio é algo que dificilmente conseguimos realizar, pois não se trata somente de “não falar” e não produzir sons. A matéria que compõe nossos corpos, a nível atômico, não para, e, segundo a física, se houver movimento, não há silêncio. O sangue correndo por nossas veias deve ter seu som, a própria matéria produz som. Então, tendo em vista essa impossibilidade de estarmos em silêncio, poderíamos dizer, por um sentido metafórico, que o silêncio estaria mais para o sentido de ser aquele que observa com ausência de som audível, como se estivesse exercendo a Mauna – trata-se de

uma prática yoga de jejum verbal, que busca intensificar mais os sentidos humanos sobre o cotidiano.

O mesmo silêncio que contemplamos como um exercício de Mauna pode ser considerado como uma resposta à urgência de se repensarem certas tradições nos modos de escrever e falar na contemporaneidade. Como defende Donna Haraway (1944), é preciso desconstruir a ideia do discurso centrado no “homem”, em estereótipos e falsas dicotomias, em favor da mistura e da superação das dominações. Assim, talvez seja necessário esse “silêncio” para autocorrigir-se, tomar um fôlego e assim deixar respirar. Para ver com mais contraste e nitidez. Deixar que outros modos de escrita e registros sobre nossas histórias também sejam apreciados pelo seu “modo não convencional de linguagem e de construção de narrativas”.

Procurei, com esta obra, colocar em pauta a problemática que envolve memórias íntimas sobre o corpo vestido de tecnologias, evidenciando algumas questões e experimentando possibilidades por meio da arte, ciência e tecnologias. As tecnologias vestíveis propõem testemunhar, documentar, guardar, interpretar e expressar acontecimentos sobre o corpo, transformando em perceptível o imperceptível, e permitindo um maior conhecimento do próprio corpo pelo usuário da veste. As tecnologias vestíveis reconfiguram o sensorial do corpo humano, assim como os modos de aceder às histórias sobre seu cotidiano. Tornam a relação corpo e máquina muito mais sensível e natural, ao suprimir e trocar

cabos por linhas, caixas por tecidos, deixando mais leve e fluida sua presença em uma peça de vestuário, tornando-se parte da vida do usuário.